

rumos da luta

um jornal a serviço da classe operária e camponesa

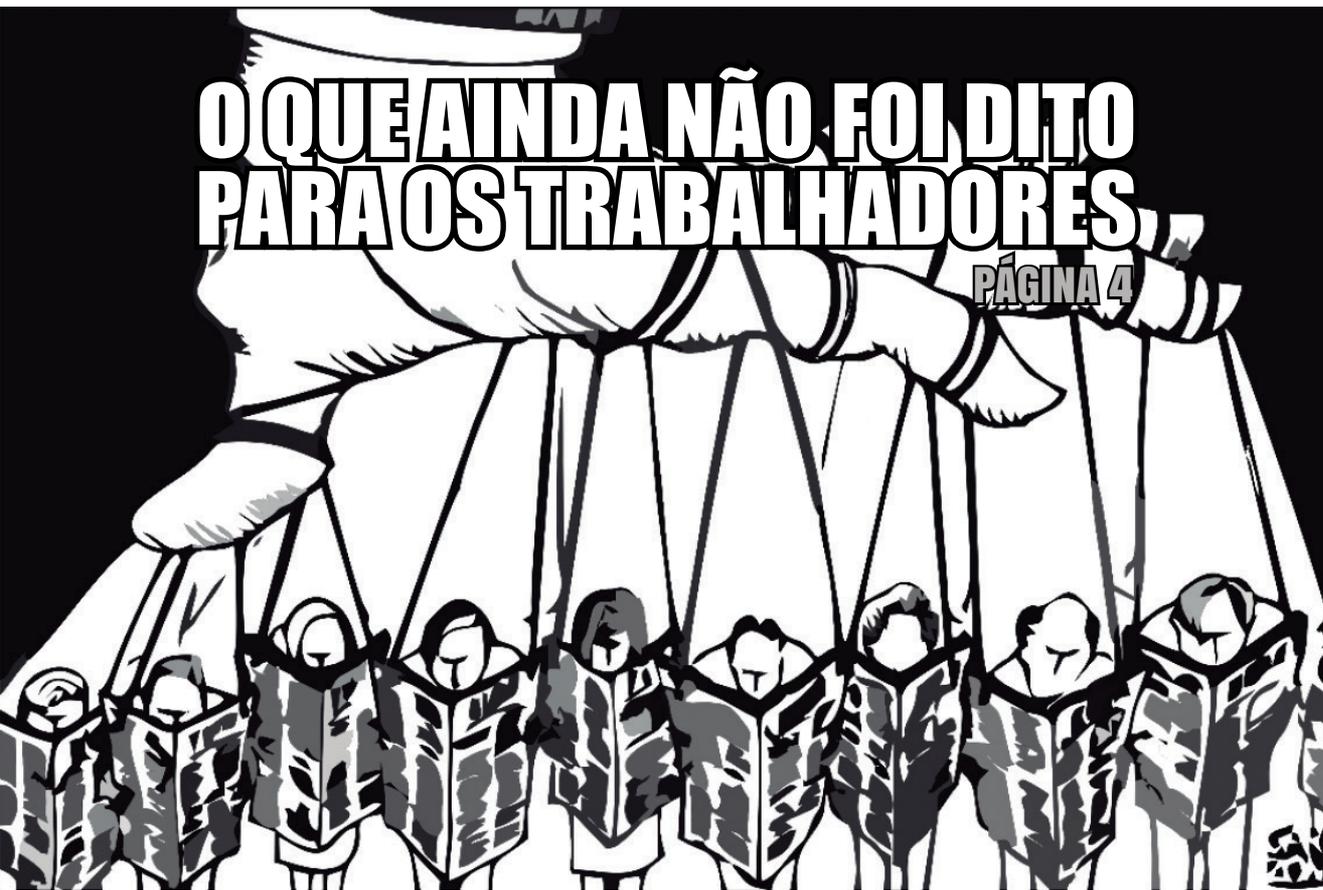
"A Social-democracia representa objetivamente a ala moderada do fascismo". (J.V. STALIN)

Uma publicação da Célula Comunista de Trabalhadores (CCT) e da União Reconstrução Comunista (URC)

rumosdaluta@gmail.com

Número #12

ABRIL/2022



O QUE AINDA NÃO FOI DITO PARA OS TRABALHADORES

PÁGINA 4

CONSTRUIR UMA SAÍDA PROLETÁRIA E POPULAR

Enquanto cria um mundo que para os trabalhadores é cada vez mais ameaçador, um mundo de trabalho duro e precário, de guerras e destruição, de enchentes e desabamentos, de lama e rejeitos tóxicos, a burguesia vive tranquilamente em condomínios e palacetes luxuosos, longe deste cenário miserável que é a fonte de seus lucros. A tendência desta situação é piorar, caso o proletariado e demais classes exploradas não elevem seu nível de organização para lutar por uma saída que atenda aos nossos interesses. Devemos debater esta situação a partir dos nossos locais de trabalho, estudo e moradia, para estabelecer as alianças necessárias, entre os trabalhadores empregados e desempregados, em torno da luta por medidas, tais como, restaurantes públicos, reabertura dos equipamentos públicos que se encontram fechados ou funcionando parcialmente e redução da jornada de trabalho sem redução de salários. **PÁGINA 3**

FASCISMO E SOCIAL-DEMOCRACIA

Leia o Editorial na página 2

Quando o imperialismo decide o que deve te emocionar

INTERNACIONAL página 5

A tragédia do “novo” Ensino Médio e a exclusão dos pobres da escola

JUVENTUDE página 6

A luta das mulheres na Zona Leste de São Paulo

MULHERES página 7

A cultura brasileira e a nossa luta

CULTURA página 8

batendo lage

o cimento que realiza
a liga de concreto
das lajes das nossas casas
chama-se amizade
a vida é o porque
e o método, mutirão

obrigado, claudionor
kenji e os dois andrés
scala, careca e banguinha
obrigado ao seu mané
e ao alemão também
sem esquecer o josé
à alaíde pela feijoada
e dona maria pelo café

akira yamasaki

FESTA DE 1 ANO DO JORNAL

Em celebração ao primeiro aniversário da publicação conjunta da Célula Comunista de Trabalhadores (CCT) e União Reconstrução Comunista (URC) realizaremos em abril um ato político e cultural. Convidamos todos os amigos e leitores a participarem dessa atividade de comemoração e apoio ao nosso esforço editorial para desenvolver o jornal Rumos da Luta.

música por Adriano Monteiro, Clayton Belchior, Rafael Mineiro e Renato Carroneiro

10 DE ABRIL das 14 às 18 horas

SUBSEDE DO SINDICATO DOS QUÍMICOS SÃO PAULO
Rua Arlindo Colaço, 32 São Miguel Pta São Paulo/SP



rumos da luta

um jornal a serviço da classe operária e camponesa



Fascismo e social-democracia



As últimas semanas estão marcadas pelo conflito entre Rússia e Ucrânia. Isso se acreditarmos no noticiário da televisão, que segue as orientações do governo dos EUA. Neste caso, a ordem é esconder os interesses estadunidenses e criminalizar a Rússia, sobretudo Putin, pela guerra. Diante dos debates que temos acompanhado, não há como deixar de fazer comparações com outros episódios históricos, guardadas as devidas proporções, é claro.

Em uma cena do filme *Reds*, o jornalista John Reed, que está em uma festa de elite nos EUA, é chamado a falar sobre as razões da Primeira Guerra Mundial. Ele levanta e diz simplesmente: "Lucros".

A mesma razão de fundo se aplica à guerra atual. A solução burguesa para as crises do capitalismo obriga a burguesia a destruir periodicamente forças produtivas, para buscar um novo ciclo de acumulação de capital, mantendo as taxas de lucro em patamares elevados. As guerras, quando não colocam em risco a ordem burguesa, tem sido desde sempre um excelente instrumento para produzir tais resultados.

Durante a Primeira Guerra Mundial ocorreu a falência da Internacional Socialista, organização que reunia os partidos sociais-democratas, principalmente os europeus. Esta organização, também conhecida como Segunda Internacional, em todos os seus congressos, desde que foi fundada em 1889, até 1914, havia aprovado resoluções que estabeleciam que, em caso de guerra entre os países imperialistas, se deveria fazer uma agitação entre

a classe operária para que esta boicotas-se a guerra, que os operários não fossem para as trincheiras se matar uns aos outros por interesses alheios.

Quando a guerra se iniciou, em 1914, a maior parte desses partidos arrumaram argumentos para abandonar as decisões tomadas em seus congressos e apoiar a sua própria burguesia.

De forma muito semelhante agora, algumas organizações tomam posição de apoiar a Rússia de Putin ou a Ucrânia. Posicionamentos estes muito distantes do internacionalismo proletário.

O afastamento do internacionalismo proletário não é de se estranhar nos partidos sociais-democratas, usem eles atualmente esta ou outra denominação. A orientação política deste setor do movimento operário sempre foi, desde então, a de se colocar como uma opção de administração do capitalismo e de suas crises e também de aplicação das medidas necessárias à manutenção deste sistema de exploração, como é o caso das medidas de austeridade fiscal. Austeridade quando se trata de gastar com serviços e servidores públicos é claro. O mesmo não ocorre quando se trata de gastar o dinheiro público no pagamento de juros das dívidas públicas, fazendo a alegria dos grandes ricos do planeta.

O nazismo e o fascismo surgiram no cenário histórico logo após a Primeira Guerra Mundial. Na Alemanha e na Itália, o movimento operário, com a presença de forças combativas e alguma influência de partidos comunistas, ameaçaram a ordem burguesa. Com medo de sofrer

a mesma sorte que a burguesia russa, as classes dominantes da Alemanha e da Itália trataram de financiar o nazifascismo, governos que tinham carta branca para fazer tudo o que fosse necessário para manter a sociedade burguesa, a qualquer custo.

O período que vivemos atualiza essas posições. O fascismo, com suas nuances, e a social-democracia, se revezam nos governos, em quase todos os países, de uma forma um pouco diferente em cada caso, mas com um único e mesmo objetivo, que é o de salvar o sistema capitalista e a sociedade burguesa do seu apodrecimento, a qualquer custo. Os custos são sempre pagos pelo proletariado e as demais classes exploradas, que vão sendo mais e mais esmagadas, com o desemprego, o trabalho precário, com as migrações forçadas, etc.

O fato é que há tempos, as forças produtivas da sociedade capitalista se chocam com as relações sociais de produção desta mesma sociedade, exigindo, para uma solução desta contradição que sirva aos interesses dos explorados, uma revolução socialista, uma reorganização da sociedade na qual as riquezas socialmente produzidas sejam divididas entre todos os produtores.

A tarefa dos revolucionários e patriotas em todos os países, é reconstruir organizações que sejam capazes de trabalhar nesta direção, o que exige organizar os trabalhadores, explicar-lhes estas questões e levar essa luta adiante. Sem isso, a barbárie capitalista se aprofundará a cada dia.

rumos da luta

um jornal a serviço da classe operária e camponesa

APOIE O JORNAL RUMOS DA LUTA!

Para viabilizar os custos do nosso jornal, desenvolvemos um processo de assinaturas únicas de apoio, no valor de R\$ 100 (cem reais), com a qual você passa a receber mensalmente em sua casa um exemplar e assim também contribui com o desenvolvimento da nossa publicação.

Se você tiver interesse em assinar e nos apoiar, envie um e-mail para rumosdaluta@gmail.com ou pelo site www.novacultura.info/jornal



Construir uma saída proletária e popular

As condições de vida da grande maioria dos brasileiros pioram a cada dia, a ponto da imprensa burguesa nem mais tentar esconder a situação. Matérias nos telejornais dão conta da extrema penúria em que vive grande parte do nosso povo. Buscam, evidentemente, evitar tratar das causas da miséria, tentando mostrar o sofrimento como um drama pessoal, provocando assim mais pena do que consciência nas pessoas. No limite, jogam toda a culpa nas costas do governo de plantão.

Também não vão dizer que o outro lado da moeda dessa escandalosa pobreza na qual jazem tantos, é a escandalosa riqueza na qual nadam poucos.

Dados da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) demonstram que entre 2018 e 2021 os alimentos ficaram, em média, 43% mais caros para o consumidor final. A pesquisa “Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil” apontou que 116 milhões de pessoas — mais da metade dos lares brasileiros — estavam em situação de insegurança alimentar e 19 milhões passavam fome. O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) aponta que há hoje 12,1 milhões de desempregados no país, mas se analisarmos o todo, contar todos os subempregos, bicos e trabalhos por conta própria, o número de trabalhadores e trabalhadoras sem qualquer garantia de renda é ainda maior.

A tensão social é grande, ainda que não igual, tanto para os trabalhadores desempregados quanto para quem está empregado. Estes últimos, muitas vezes, têm que dividir seus poucos recursos com parentes e amigos que estão em uma situação pior. Esse é o preço que pagamos

pelo fato de a burguesia estar resolvendo a crise do sistema capitalista. Conforme temos buscado explicar em nosso jornal, cada vez que ocorre uma crise cíclica e periódica do capitalismo, a solução burguesa dessa crise implica, necessariamente, mais exploração e mais sofrimento para a classe trabalhadora.

Vamos exemplificar aqui com o que se passa no setor público, em particular na área da Educação.

Todos conhecemos as condições dos serviços públicos. Na Educação, durante a pandemia, os governos aproveitaram para reduzir ainda mais o quadro de funcionários, que já não era suficiente. As escolas da rede municipal paulistana, estão sendo limpas por uma equipe de três pessoas, em geral mulheres, de uma empresa terceirizada. Essa equipe foi reduzida durante a pandemia e permanece assim, mesmo com o retorno normal das aulas. O resultado não pode ser outro. As escolas estão sujas e os funcionários esgotados e adoecidos pelo excesso de trabalho.

Enquanto cria um mundo que para os trabalhadores é cada vez mais ameaçador, um mundo de trabalho duro e precário, de guerras e destruição, de enchentes e desabamentos, de lama e rejeitos tóxicos, a burguesia vive tranquilamente em condomínios e palacetes luxuosos, longe deste cenário miserável que é a fonte de seus lucros.

A tendência desta situação é piorar, caso o proletariado e demais classes exploradas não elevem seu nível de organização para lutar por uma saída que atenda aos nossos interesses.

Devemos debater esta situação a partir dos nossos locais de trabalho, estudo e moradia, para estabelecer as alianças

necessárias, entre os trabalhadores empregados e desempregados, em torno da luta por medidas, tais como, restaurantes públicos, reabertura dos equipamentos públicos que se encontram fechados ou funcionando parcialmente e redução da jornada de trabalho sem redução de salários.

Devemos desenvolver a aliança entre os trabalhadores do campo e da cidade para lutar por trabalho com direitos e pela reforma agrária.

Devemos lutar por medidas emergenciais, que reduzam o mais rápido possível os problemas que nos afetam, sem deixar de lutar por medidas estruturais, que resolvam tais problemas.

Enquanto elaboramos as matérias para este número de Rumos da Luta, os servidores públicos da Educação de Minas Gerais estão em luta, pela implementação do piso salarial nacional que é negado pelo governador daquele estado.

Entendemos e temos explicitado essa posição em nosso jornal, que a tarefa dos revolucionários e patriotas é trabalhar incansavelmente pela mobilização e unificação das lutas populares. Fazemos esse trabalho, na medida das nossas forças. A campanha Brasil: pela Segunda e Definitiva Independência, que é apoiada por Rumos da Luta se engaja nessa tarefa há três anos e no próximo dia 7 de abril teremos mais uma jornada unificada de mobilização, quando os militantes e apoiadores da campanha estarão nas ruas, distribuindo nossos materiais, em contato direto com os trabalhadores e trabalhadoras, chamando-os para um necessário levantamento nacional para conquistar os nossos objetivos.

Uma vida digna para todos! Lute-mos por isso!

O QUE AINDA NÃO FOI DITO PARA OS TRABALHADORES



Segundo o site Poder360, desde 2017 a arrecadação das contribuições sindicais caiu 97,5%, em 2021 a arrecadação com as contribuições sindicais somaram cerca de 65,5 milhões de reais, esse valor é 97,5% inferior ao que foi arrecadado em 2017.

Fez parte da empreitada burguesa de destruição dos instrumentos de luta dos trabalhadores, em especial dos sindicatos, o discurso de que os sindicatos arrecadam dinheiro dos trabalhadores sem reverter esse dinheiro para os interesses daqueles. Parte assimilada deste discurso fez com que na década de 90 se desenvolvesse no Brasil uma linha sindical conhecida como sindicalismo cidadão, onde parcela do movimento sindical passou a adotar uma visão de que os sindicatos deveriam ser utilizados, por exemplo, como agência de emprego, ou seja, passasse a servir aos interesses dos burgueses.

Mas cabem muitas considerações a respeito, uma delas é o quanto se arrecada com instituições que não tem compromisso com a luta dos trabalhadores.

Por exemplo, o sistema S, do qual fazem parte: Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai); Serviço Social do Comércio (Sesc); Serviço Social da Indústria (Sesi); e Serviço Nacional de Aprendizagem do Comércio (Senac). Existem ainda os seguintes: Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar); Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop); e Serviço Social de Transporte (Sest) (Fonte: Agência Senado) arrecadou, em 2021, segundo o jornal Folha de São Paulo de 04/08/2021, 10,2 bilhões de reais, ainda que as contribuições para o sistema S saiam da folha de pagamento e não dos trabalhadores, ressaltar que os 10,2 bilhões arrecadados servem para bancar um sistema gerenciado pela própria burguesia e que não contempla a maioria dos trabalhadores; é sempre um dever.

Segundo dados da imprensa, em 2019 a arrecadação das igrejas no Brasil, foi de cerca de 24,2 bilhões de reais. Em 2021 o Governo Federal, juntamente com o Con-

gresso, perdoaram 1,4 bilhão em dívidas da CSLL – Contribuição Social Sobre o Lucro Líquido destas mesmas igrejas.

Já segundo a Agência Brasil, somente a renúncia fiscal do Governo Federal, quando o governo, por ação voluntária, deixa de receber os impostos que as empresas devem a ele e, em última instância, a todos os brasileiros, comprometendo, portanto, os serviços públicos que são pagos com estas arrecadações, bateram na casa dos 93,75 bilhões de reais em 2021, concedida, em sua totalidade, para satisfazer os interesses burgueses.

Já para os trabalhadores a tabela de correção do Imposto de Renda não é atualizada desde 2015, entretanto, segundo o SINDFISCO (Sindicato Nacional dos Auditores Fiscais da Receita Federal), a defasagem da tabela, no período de 1996 a 2021, é de 134%. Atualmente estão isentos da declaração do Imposto de Renda trabalhadores que recebem até R\$ 1.903,98, porém, caso a correção fosse feita pelos dados do SINDFISCO, esse corte começaria a partir de R\$ 4.427,59, para a burguesia o governo não vacila em conceder bilhões, já para os trabalhadores nem as migalhas!

Os números levantados acima nos mostram que determinados setores da sociedade, em especial aqueles que funcionam no sentido de alienar aos trabalhadores, bilhões são concedidos em renúncias ou contribuições diretas, ao mesmo tempo em que a burguesia trabalha pra criminalizar a atividade sindical, justamente por que ela sabe que os sindicatos são instrumentos importantes de resistência dos trabalhadores na luta por melhores condições de trabalho.

Criminalizar e enfraquecer os sindicatos são faces da mesma política de enfraquecimento dos instrumentos dos trabalhadores e nossa tarefa deve ser conhecer nossos sindicatos, participar ativamente dessa organização, inclusive ditando os rumos das nossas lutas, por que nessa frente nosso dever é com nossos instrumentos, não com o apoio à política burguesa.

CONCLAT 2022

As principais Centrais Sindicais brasileiras anunciaram para o dia 07 de abril desse ano uma Conferência Nacional da Classe Trabalhadora com lançamento da Pauta da Classe Trabalhadora 2022. A proposta é apresentar, na Pauta, “o modelo de desenvolvimento necessário para o Brasil gerar empregos de qualidade, crescimento dos salários, proteção dos direitos trabalhistas, combate às desigualdades, proteções sociais e previdenciárias, a defesa da democracia, da soberania e da vida. A pauta busca interferir nos rumos do desenvolvimento do país, depois de um longo período de resistência e luta aos ataques sem precedentes impostos por este governo”. Nossa tarefa, através dos nossos sindicatos, é tentar influenciar essa Pauta, pois nosso compromisso não pode estar ligado as questões eleitorais e os documentos e lutas dos trabalhadores devem ir além das eleições, pois, os grupos que, até o momento estão inscritos para ocupar o próximo governo, via de regra, querem administrar os interesses da burguesia, pouco ou nada se importando com os interesses dos trabalhadores e com os números aterradores que assolam a nossa classe. CONCLAT sim, mas para defender os interesses dos trabalhadores!

Greves na Educação

Nesse momento trabalhadores da Rede Municipal de Educação de Goiânia estão em greve pelo pagamento do Piso Nacional para Educação. A exigência dos trabalhadores de Goiânia é que o Governo Municipal do prefeito Rogério Cruz (Republicanos) honre o reajuste de 33,24% concedido por lei federal em decorrência de uma obrigatoriedade do Novo FUNDEB (Fundo de Desenvolvimento da Educação Básica). “Está em greve quem tem o compromisso com a rede de ensino e luta por toda a nossa pauta de reivindicações”, disse a presidenta do Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Goiás (SINTEGO), Bia Lima.

Ao mesmo tempo em que trabalhadores da Educação de Goiânia, estão em greve os trabalhadores da Educação de Minas Gerais. Em Minas Gerais os trabalhadores reivindicam, além do pagamento do piso nacional, o mesmo que reivindicam em Goiânia, melhores condições de trabalho, já que em Minas, os Auxiliares de Serviço da Educação Básica, recebem menos de um salário mínimo. “Enfrentamos um empobrecimento estrutural e o governo precisa cumprir a lei. Dignidade salarial é um direito”, afirma a Coordenadora Geral do SindUTE (Sindicato Único dos Trabalhadores em Educação de Minas Gerais), Denise de Paula.

Motivos não faltam para que os trabalhadores entrem em greve, dignidade para os trabalhadores deve ser uma bandeira de classe. Todo nosso apoio aos trabalhadores da Educação de Goiânia e de Minas Gerais.

Quando o imperialismo decide o que deve te emocionar

Nas últimas semanas, pudemos acompanhar incessantemente nas telas que dominam cada vez mais a nossa vida, seja a da TV ou do telefone celular, as notícias que chegavam da Ucrânia e as dezenas de milhares de pessoas que fugiam de suas casas para as regiões e países vizinhos para escapar da guerra em andamento entre russos e ucranianos.

Como toda guerra, esse novo conflito gerou mais uma multidão de refugiados que precisam abandonar suas casas para tentar sobreviver, com mulheres, crianças e idosos apenas com a roupa do corpo fugindo para as fronteiras.

Contudo, uma coisa chama atenção, a consternação e solidariedade dos grandes meios de comunicação da mídia burguesa brasileira para com aqueles refugiados ucranianos, de pele e olhos claros, é bastante diferente do teor das notícias sobre as ondas de refugiados que todo ano se amontoam na África, na Ásia e na América Latina.

Todo o noticiário que recebemos estão encaminhados a nos fazerem ficar sensibilizados com aquelas pessoas diante de toda a tragédia que uma guerra causa aos civis de um país e claro, sentir uma repulsa e um ódio a quem está realizando tais ataques.

Há alguns anos, o filósofo italiano Domenico Losurdo já afirmava que “Marx fala da classe dominante burguesa que, com o controle dos modos de produção intelectual tem o monopólio da produção e da difusão das ideias. Mas hoje as coisas mudaram porque com a televisão e as novas mídias, a classe dominante não tem somente esse monopólio de produção de ideias, mas também, o que é muito importante, o monopólio da produção das emoções. Transmitem-se imagens horríveis que podem ter sido escolhidas em uma série de outras imagens propositalmente ou que pode até ser falsa. [Através desse artifício] se consegue provocar uma indignação geral [na opinião pública] e esse monopólio de produção de emoções que é muito importante para o início das guerras”.

Ou seja, mais uma vez se confirma aquilo que Marx também disse, que as ideias dominantes de uma época, são as ideias da classe dominante. E na época atual, é o grande monopólio da mídia burguesa, cujo centro são os EUA, que decidem não só o que será informado a nós, mas chega ao ponto de determinar, a partir desse controle, quais emoções e sentimentos devemos ter diante do que é nos apresentado como notícia.

E uma guerra como a que está se desenrolando no território ucraniano e no Donbass evidencia ainda mais como isso acontece. Basta ver o noticiário para sermos orientados a sentir compaixão



pelos ucranianos e admiração pela sua resistência (até mesmo daqueles que são neonazistas e criminosos) e a odiar os invasores russos (mesmo aqueles ucranianos de etnia russa que são oprimidos há alguns anos no leste do país).

Assim o foi no passado, como por exemplo a invasão do Iraque no começo dos anos 2000 pelos Estados Unidos. Naquela ocasião, a mídia internacional (repetida a exaustão pela brasileira) afirmava que Saddam Hussein, então presidente daquele país, possuía armas de destruição em massa, que ele poderia empregá-las a qualquer minuto. O mesmo tipo de mentira daquela dos anos 90, na primeira Guerra do Golfo, quando se dizia que o ditador iraquiano matava milhares de bebês.

Mesmo sem nenhuma comprovação das acusações e sem aprovação da Organização das Nações Unidas (ONU), os EUA invadiram o país e o ocupou por longos anos, graças a indignação generalizada de parte da opinião pública produzida por esse monopólio de emoções.

Losurdo já atentava para essa nova dimensão das ideias e emoções, com uma tecnologia e psicologia muito refinadas e sofisticadas, com a qual o aparelho militar do imperialismo ficou mais forte não só no domínio militar clássico, mas no plano midiático.

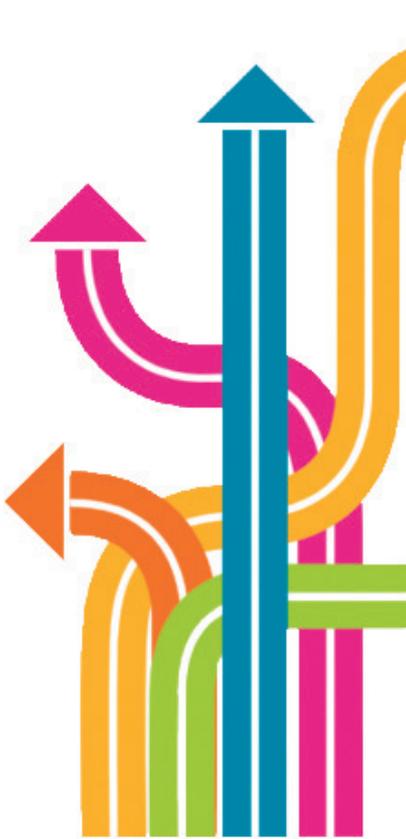
E hoje, podemos ver como isso funciona em mais um conflito, mas dessa vez para desacreditar o inimigo.

Independentemente do juízo de valor que possa se ter acerca das motivações da Rússia e seu presidente Vladimir Putin, não se pode deixar de perceber como a mídia trata de forma diferente o problema da guerra na Ucrânia. Os ataques aéreos russos realizados contra as cidades ucranianas, não são diferentes dos que aconteceram, também nesses

primeiros meses de 2022, em outros conflitos pelo mundo. Mas como em outros casos se tratam de aliados, os ataques de Israel contra a Faixa de Gaza na Palestina ou da coalizção liderada pela Arábia Saudita contra o Iêmen, por exemplo, não recebem a mesma condenação pela virtuosa mídia que agora se veste com cores de “antiguerra”.

Tampouco o tratamento dado aos refugiados ucranianos, recebidos pelos países vizinhos e acolhidos por toda a União Europeia, em uma onda de solidariedade que nos parece bastante diferente do que ocorre com os milhares de refugiados que nos últimos anos tentam buscar uma vida melhor ou mesmo fugir de conflitos em outros continentes. Basta ver como foram tratados os refugiados sírios, que buscaram fugir dos terroristas do Daesh e das bombas ianques e israelenses, ao chegar na Polônia, ou os imigrantes da América Central que ao tentar entrar nos EUA encontram um muro ou pior, um campo de concentração, ou ainda, os refugiados do Norte da África que se afogam no mar Mediterrâneo tentando chegar a Europa. Todas essas pessoas são consideradas como problemas aos países mais ricos e nada se fala do que causou sua desgraça.

Dessa forma, se permitirmos, vamos achar natural que milhares de asiáticos, africanos e latino-americanos sejam tratados como ameaças ao mundo Ocidental, como se fossem culpados por suas próprias tragédias, enquanto nos sensibilizamos e emocionamos com o drama dos refugiados ucranianos. Caso não questionemos esse aspecto da luta ideológica, seremos guiados mais uma vez pelo imperialismo, a nos guiar pela cor da pele de quem sofre, e assim, o racismo vencerá mais uma vez.



NOVO Ensino Médio

A tragédia do “novo” Ensino Médio e a exclusão dos pobres da escola

O ano de 2022 marca o início da aplicação gradual das reformas do chamado “novo Ensino Médio”, com intenção de efetivação completa até 2024. A proposta inicial, ainda no governo corrupto e entreguista de Michel Temer, pautou a redução da carga horária das disciplinas gerais do Ensino Médio - prejudicando disciplinas como história, filosofia, sociologia e etc. Como forma de “compensação” propôs a instituição de itinerários formativos para uma especialização dentro de uma das áreas do conhecimento ou o ensino técnico profissionalizante. Cenário este que, por si, nega ao estudante uma gama de conhecimentos acerca das ciências da natureza e/ou das ciências humanas, o que pode influenciar significativamente e de forma negativa na formação dos sujeitos em nome de um ensino tecnicista voltado a formação de mão-de-obra barateada.

Esse processo de “reforma” do Ensino Médio caminha com inúmeros outros retrocessos impostos ao povo brasileiro por parte do velho Estado burguês-latifundiário, tais como a PEC do teto de gastos, responsável por significativos cortes de investimentos públicos em áreas fundamentais ao povo como saúde, educação, assistência social e etc.

O “novo” Ensino Médio, em tese, amplia o tempo mínimo do estudante na escola de 800 horas para 1000 horas anuais. Vende, de forma caluniosa, que a organização curricular é mais flexível e diversificada e tem como finalidade o aumento da abrangência das possibilidades

de escolha dos estudantes, sob o pretexto de que isso promoverá uma aproximação entre as escolas e as realidades específicas dos estudantes. Tudo isso sem esquecer das complexidades entre juventude e o mundo trabalho.

Do ponto de vista do discurso, parece uma proposta interessante. Mas por que não devemos acreditar nisso?

Para Fernando Cássio, pesquisador de políticas educacionais e professor da Universidade Federal do ABC, em recente entrevista ao portal Brasil de Fato, defende que esta reforma já em execução, aparentemente modernizante, estabelece para a educação uma perspectiva ainda mais elitista.

Aos pobres, filhos da classe trabalhadora, o projeto educacional passa a ser ainda mais tecnicista e voltado para a formação de mão-de-obra barateada. Aos filhos das elites, ao contrário, é oferecido o que há de melhor em uma educação no contexto de uma nação semicolonial.

Tal posição do “novo” Ensino Médio se “justifica” a partir do problema do desemprego e empobrecimento entre os jovens brasileiros. No entanto, o novo currículo que começa a se efetivar esconde o necessário debate sobre as causas que promovem essa realidade tão difícil à juventude brasileira. No bojo dessa mistificação da realidade de nossa juventude, o Estado silencia o debate e não promove melhorias fundamentais para a educação pública. Questões como a melhoria das condições de trabalho de trabalhadores e

trabalhadoras da educação e a necessária transformação profunda das estruturas escolares nunca foram pauta para o corrupto Jair Bolsonaro.

Trocando em miúdos, a reforma do Ensino Médio e suas promessas de “protagonismo juvenil”, de “maior interesse dos jovens em acessar a escola”, de “desenvolvimento do projeto de vida dos estudantes”, de “liberdade de escolha” e “qualificação” não passam de cortina de fumaça e que busca ignorar as particularidades da realidade brasileira, uma nação constrangida constantemente por interesses de rapina do imperialismo e que, também por isso, padece de uma profunda desigualdade econômico-social.

O enxugamento da Base Nacional Curricular somada a essa simplificação tecnicista, novas condições que a maioria das escolas públicas não tem condições estruturais de aplicar, concretizará consequências nocivas aos estudantes empobrecidos. Como bem diz o professor Fernando Cássio, o contexto será de “dar menos escola para quem mais precisa de escola”.

Nesse contexto complicado, as mobilizações estudantis – visto as ocupações de escolas no Brasil afora em 2017 – e de trabalhadores da educação serão fundamentais para impedirmos mais esse retrocesso, que ganha cada vez mais fôlego neste ano de 2022. A luta por uma educação pública, de qualidade e universal tem relação direta com a luta pela nossa autodeterminação e pela Segunda e Definitiva Independência do Brasil.

Convidamos todos os amigos e leitores a participarem da atividade de comemoração e apoio ao nosso esforço editorial para desenvolver o jornal Rumos da Luta. Além da exposição das edições publicadas e um ato político no qual as forças responsáveis e a equipe de redação do jornal apresentarão o que foi feito até aqui em nossa publicação, a atividade contará também com apresentações musicais de Adriano Monteiro, Clayton Belchior, Rafael Mineiro e Renato Carroneiro. A festa será realizada na subsede do Sindicato dos Químicos de São Paulo em São Miguel Paulista, localizada à Rua Arlindo Colaço, 32, na Zona Leste de São Paulo. O local fica há alguns metros da estação São Miguel Paulista, da linha 12-Safira da CPTM.

A luta das mulheres na Zona Leste de São Paulo



No último dia 05 de março foi organizado pelo Movimento Vila Yolanda pela construção da escola (MOVY) um encontro com algumas mulheres que desenvolvem trabalhos sociais no bairro da Cidade Tiradentes e região, na cidade de São Paulo.

As expositoras falaram sobre suas experiências nas lutas da comunidade e sua inserção nesta região que só na Cidade Tiradentes tem cerca de 150 mil habitantes. Tivemos a participação da Maria Lucia, representante do MOVY, que nos trouxe um pouco sobre a luta das mulheres no local de moradia. Norma Arata, professora na Cidade Tiradentes, que faz parte da SAL (Sociedade Ambientalista Leste), que desde 1988 luta pela melhoria do meio ambiente, e em especial pelo desenvolvimento sustentável da Zona Leste. Simone Rêgo, representando a Academia Carolinas, que desenvolve um trabalho na favela Souza Ramos. Maísa Silva, que faz parte da equipe de redação do Jornal Rumos da Luta e a Maria Aparecida Maya, que na OSCIP/Coletiva Anthos, com a comunidade, desenvolve um trabalho que visa a prevenção e combate à violência, associando direitos sociais e agroecologia no Jardim Etelvina.

Maria Lúcia, representante do MOVY, ao falar da sua luta na Vila Yolanda, fez uma retrospectiva de sua trajetória por melhores condições de vida. O exemplo de luta segundo ela vem desde sua vó e da mãe que sempre estiveram envolvidas nas reivindicações por melhorias na cidade e bairros em que moraram, isso lá em uma cidade pequena que praticamente não tinha nenhum acesso a serviços essenciais como saúde e educação. Lúcia é mineira e quando veio para São Paulo já pela própria condição de migrante viu a necessidade de estudar, ter uma profissão e ser independente. A partir do seu local de trabalho, na Secretaria Estadual da Saúde do Estado de São Paulo, foi sindicalista, participou das lutas das mulheres e ao mesmo tempo desenvolvia um

trabalho com esportes na Cidade Tiradentes, onde morava. Atualmente está no MOVY que há mais de 30 anos lutava pela construção de uma escola na Vila Yolanda e que hoje devido a esta luta vê uma parte desta reivindicação concretizada na construção da EMEI Sonata ao Luar, que teve início no ano passado após tantas lutas, o desejo agora é que outras reivindicações da comunidade sejam atendidas como: a construção de uma EMEF com ensino fundamental ou mesmo mais imediatamente que a escola Dom Angélico atenda a demanda de crianças de ensino fundamental II (crianças do 6º ao 9º ano) que saem da vila para escolas distantes, melhoria e ampliação de linhas de ônibus que atendem a comunidade, para que sejam ampliadas, mais médicos no posto de saúde e mais demandas discutidas e priorizadas pela comunidade.

Norma é professora na Rede Municipal de Ensino, além das ações relacionadas a luta pelo meio ambiente na Zona Leste, nos trouxe neste encontro sua experiência pessoal, como mulher e mãe. Descendente de japoneses, já morou no Japão e em outra cidade, morou longe da família e em uma situação de separação, nos relatou sobre a Lei Maria da Penha e da necessidade de uma "Rede de Proteção" em situações de violência doméstica e dependência econômica do cônjuge, falou da necessidade do amparo legal para situações que na maioria das vezes envolve divisão de bens e cuidado com os filhos.

Simone Rêgo é também professora da Rede Municipal de Ensino e tem uma história de militância na Vila Yolanda, seja na reivindicação da escola, festa das crianças e oficinas com a comunidade. No presente momento está na coordenação da Academia Carolinas, junto à Comunidade Souza Ramos, na Cidade Tiradentes, em São Paulo, que atende especialmente, mulheres, crianças e adolescentes, por meio de atividades de geração de renda, aprendizado e cuidado infantil.

Maísa Silva é professora aposentada da Rede Municipal e integra a redação do nosso jornal, na página das mulheres, discutir e refletir sobre a condição das mulheres hoje no capitalismo e a necessidade de lutas conjuntas das mulheres e homens para a mudança na atual situação de perda de direitos e desemprego da classe trabalhadora.

Maria Aparecida Maya também professora aposentada da Rede Municipal de Ensino, desenvolve um projeto com a comunidade na Coletiva Anthos/OSCIP, uma entidade sem fins lucrativos cujo objetivo principal é a luta na prevenção e combate à violência, visando à proteção integral de crianças e adolescentes no período de sua escolarização. Neste encontro nos relatou que a partir da sua pesquisa de mestrado, estudou um pouco mais sobre o Conselho Tutelar e pelo que pode verificar que não existe uma proteção de forma integral, a resposta da Lei é muito demorada nos casos de violência, existe uma "Rede de Proteção" do Estado, mas ela não atua de forma conjunta o que dificulta que ações mais concretas sejam realizadas.

O encontro foi um momento de reflexão a partir da experiência pessoal de cada uma das expositoras diante da realidade na qual atuam, foi consenso que o Dia Internacional das Mulheres é um dia de luta, Maísa (Jornal Rumos da Luta) a partir da matéria do jornal relatou que este dia foi historicamente construído por mulheres trabalhadoras e que de forma organizada; acreditavam que era necessário um dia específico para dar visibilidade as demandas femininas. Hoje para a mídia é mais um dia para comercializar e não mostrar as desigualdades que temos e as lutas que travamos cotidianamente. Os relatos mostram como as mulheres, apesar das inúmeras dificuldades, buscam cuidar de si e dos outros, na sua maioria, para sair desta situação de vulnerabilidade, procuram espaços de escuta e além dos recursos materiais como moradia, emprego, escolas, creches e etc, necessitam estarem em espaços que possam dispor de profissionais capacitados para um acompanhamento psicológico, muitas vezes é esta mulher, como nos diz Simone, que constrói o seu barraco, cuida dos filhos, trabalha e sustenta a família sozinha. Cada trabalho desenvolvido por estas mulheres tem o intuito de discutir a condição feminina, refletir com estas mulheres sobre as desigualdades de condições que se encontram. Além das questões de gênero fica claro que o modelo de sociedade capitalista não resolverá estas desigualdades porque o próprio sistema que divide a sociedade em classes já é desigual.

Após o período de exposição foi possível desfrutarmos de boa música e poesia compartilhada pelos presentes, tivemos a participação de mulheres e homens que nos brindaram com algumas reflexões sobre o tema, enfim foi uma tarde de reflexão, discussão e entretenimento o que faz muita falta no dia a dia de homens e mulheres da Cidade Tiradentes.

A cultura brasileira e a nossa luta

Como dito na edição anterior, em meados do século XIX, as relações capitalistas passam a se avolumar pelos trópicos. Já no século XX, sob a maciça influência do capitalismo estrangeiro (notadamente o norte-americano, pós-Segunda Guerra Mundial), há um investimento pesado em infraestrutura e em indústrias de base. Tal reconfiguração deu margem para o imperialismo estrangeiro comandar por aqui um processo de acumulação capitalista, o qual, grosso modo, consistiu no estabelecimento de associações monopolistas. Inaugura-se, nesse momento, uma espécie de “estrangulamento”, por parte dos monopólios, daquelas empresas que se recusam ao seu jugo, à sua dominação. E a nova forma de acumulação, assentada na concentração e centralização do capital, junto do crescimento quantitativo e qualitativo do proletariado e da burguesia, demandou a criação de novos instrumentos de mediação gerais entre o Estado e os grupos políticos organizados, de um lado, e a massa, assim constituída, de outro. Logo, a partir desse quadro, a chamada “indústria cultural” passará a explorar, de modo mais contundente, os negócios da comunicação e da cultura, intentando homogeneizar ideias e introduzir técnicas que fossem consequentes com a reorganização dessas relações capitalistas.

Como efeito, as criações artísticas, antes simples motivo de divertimento e/ou adorno, tornam-se mercadorias. E as áreas do trabalho intelectual, antes, sob vários aspectos, amadorísticas, ampliam-se e assumem caráter profissional. Nesse quadro, as forças criadoras do homem, em especial aquelas que se voltam aos valores espirituais, embora gozem de autonomia relativa, são, por vezes, submetidas a interesses alheios aos de suas proposições iniciais, a saber, os interesses hostis da produção material capitalista – é como se o homem, ao contrário de controlar a produção artística, se colocasse a serviço dela. Por conseguinte, ao passo em que se desenvolvem as relações capitalistas, boa parte da

produção cultural se prende aos critérios ideológico-empresariais dos novos meios e veículos de comunicação que emergem. Logo, os meios e veículos de comunicação (LPs, filmes, fitas, CDs, jornais, rádio, revistas, televisão, internet etc.), com o afã de ampliar as fatias de seu público consumidor, divulgarão, sobretudo, produtos que lhes garantam influência política e/ou altas receitas – ou, antes, que garantam influência política e/ou altas receitas às empresas que divulgam mercadorias através de seus canais. O desenvolvimento das relações capitalistas, no que concerne à área da cultura, desse modo, gerou estímulos, de um lado, mas apresentou deformações e criou servidões, de outro.

No âmbito da pesquisa científica, essa época foi marcada pela passagem do esforço de indivíduos isolados para as instituições. Foram as necessidades ligadas ao desenvolvimento da lavoura do café e ao desenvolvimento urbano que, de partida, impulsionaram a criação e o crescimento da pesquisa científica em instituições – tais como o Instituto Butantã, o Instituto Adolfo Lutz, o Museu Nacional etc. As Universidades, por sua vez, corresponderam, num primeiro momento, a formação de profissionais tais como advogados, médicos, dentistas, farmacêuticos etc. Os intelectuais e estudantes, no entanto, eram colocados sob rigorosa suspeição, sendo vedada a estes toda e qualquer forma de organização livre. A cultura, nesse sentido, era considerada “subversiva” em si. O desdém das pesquisas e das Universidades tratou-se, ao fim e ao cabo, de um processo tocado pelas classes dominantes cuja intenção era a de formar os quadros de que necessitava e, ao mesmo tempo, isentá-los de qualquer tendência à mudança. Cabe destacar que nos rincões do país, zonas em que as relações capitalistas ainda não superavam as pré-capitalistas, o processo supracitado operou pouca ou nenhuma mudança.

Para todos os efeitos, inaugura-se, nessa nova fase, uma dominação impe-

rialista nos campos cultural e informativo. Tal fenômeno, longe de ser fortuito, é condição necessária à sobrevivência das estruturas socioeconômicas geradas pelo desenvolvimento capitalista. Os meios de comunicação são meros instrumentos nas mãos das classes dominantes; houve uma transformação dialética destes: de instrumentos de esclarecimento, os meios de comunicação transformaram-se em instrumentos de alienação, fugindo inteiramente aos seus fins originários. Criados para servir ao público, na nova fase, os meios de comunicação dispensam a opinião do público e passam a servir, de maneira geral, aos grupos dominantes – os quais, por sua vez, respondem, em sua maioria, ao imperialismo estrangeiro.

Logo, a cultura daí originada, além do baixíssimo nível e do teor desumanizante, tende, cada vez mais, à desnacionalização e ao esmagamento de nossa herança cultural. Não podemos perder de vista que, numa sociedade dividida em classes, há duas culturas: a cultura das classes dominantes e a cultura das classes dominadas. Aqueles interessados na libertação de nosso povo devem rechaçar os aspectos negativos e antipopulares da cultura das classes dominantes (seus velhos costumes, sua velha moral, suas velhas práticas e desvios etc.).

Construir uma nova cultura não é absolutamente fácil. Justamente por isso que os comunistas, democratas e todos os interessados na libertação do nosso povo devem sempre rechaçar os velhos costumes, as velhas práticas, os velhos desvios, tanto para os outros quanto para si mesmos. Isto não significa que devemos rechaçar todas as outras culturas, elaboradas por outros povos. Apenas que devemos valorizar os nossos interesses e componentes culturais, na sua pluralidade, além de defendê-los contra a dominação por parte de outros países. A questão central a ser combatida é a dominação imperialista e a fascinação provinciana por suas fontes culturais.

BRASIL: PELA SEGUNDA E DEFINITIVA INDEPENDÊNCIA

07 de Abril ontem e hoje

No dia 7 de abril os militantes e os apoiadores da campanha Brasil: pela Segunda e Definitiva Independência, realizarão mais uma série de atividades nas cidades em que a campanha está organizada.

Neste contato direto com trabalhadores e trabalhadoras serão distribuídos materiais que esclarecem as razões da inflação e defendem a realização da Reforma Agrária, entre outras medidas necessárias para resolver os problemas que atingem cada vez mais o povo brasileiro.

Neste mês ocorrerão ainda outras reuniões, como a que terá lugar na E.E. D. Pedro I, na Zona Leste de São Paulo e que terá a participação de artistas, visando a realização de eventos culturais.

Os 230 anos da execução de Tiradentes

No próximo dia 21 de abril se completarão 230 anos da execução do alferes

Joaquim José da Silva Xavier, conhecido pelo apelido de Tiradentes.

Tiradentes participou do movimento que foi batizado pela Coroa portuguesa de “Inconfidência Mineira”. Foi acusado juntamente com outros dez participantes e foi o único destes que se recusou a pedir perdão à rainha de Portugal. Por isso foi enforcado e teve seu corpo esquartejado no dia 21 de abril de 1792.

Esse movimento se inclui entre outros que ocorreram no país e que tinham o objetivo de promover a independência. Nossa limitada e, portanto, incompleta autonomia veio a ocorrer trinta anos após o martírio de Tiradentes, em 1822.

Continuar essa luta e fazer do Brasil uma terra de fato independente e verdadeira pátria para todos os seus filhos é um objetivo que ainda está para ser conquistado e essa a razão da campanha que desenvolvemos.

